

INTRODUÇÃO:

A HUMANIDADE E SEU MUNDO

Só se pode compreender a sociedade humana e a história da humanidade por meio de suas contradições. O século XX foi homicida, o pior desde o século XVI, com a conquista das Américas pelos europeus – isso sem falar nos picos de crescimento demográfico líquido. Ele produziu o pior tipo de racismo – o racismo genocida – da história da humanidade e nos legou a consciência de que existe uma humanidade vivendo em um mundo compartilhado e finito.

Os direitos humanos, a internet, a “globalização” e o Protocolo de Kyoto – todos produtos do último quarto do século passado – abriram novos horizontes de compreensão e ação social para a humanidade e seu mundo. Enquanto, por um lado, continuamos sendo, por exemplo, chineses ou americanos, muçulmanos ou hindus, classe operária ou banqueiros, mulheres africanas ou homens europeus, jovens ou velhos, por outro lado, passamos a ser membros de uma humanidade comum, todos partes interessadas no mesmo planeta.

A confluência de eventos foi extraordinária. A Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948 foi uma publicação de vanguarda e, por um bom tempo, de pouca importância. O direito ao casamento livre e consensual, por exemplo, foi sistematicamente violado na maior parte da África, da Ásia e dos Estados Unidos

(casamentos inter-raciais), e frequentemente no restante das Américas e no Leste Europeu, embora nessas regiões legislações mais recentes tivessem abolido, pelo menos do ponto de vista oficial, o controle dos pais. A questão dos direitos humanos começou a se tornar um assunto sério na década de 1960, graças à Anistia Internacional, mas só passou a ser tendência dominante no cenário geopolítico em meados da década de 1970. As potências ocidentais trataram de inseri-los nos Acordos de Helsinque de 1975, reconhecendo as fronteiras europeias pós-Segunda Guerra Mundial, assunto crucial aos poloneses e à maior parte dos outros países do Leste Europeu, fossem eles comunistas ou anticomunistas. Também nas Américas, os direitos humanos passaram a ser tema central na segunda metade da década de 1970. Na América Latina (à exceção de Cuba), eles se tornaram um mecanismo de defesa derrotado após todas as tentativas de transformação social progressiva serem aniquiladas por ditaduras militares. Nos Estados Unidos, o tema finalmente teve repercussão positiva durante o mandato de Carter. A junção completamente imprevisível da diplomacia da Guerra Fria e do reconhecimento, por parte dos EUA, dos direitos humanos nas Américas garantiu aos direitos humanos um espaço fixo na agenda política internacional, sendo aceitos – embora violados – até mesmo nos mandados de Reagan e de ambos os Bush.

Já há muito tempo, boa parte da humanidade está em contato, senão completo, então pelo menos transcontinental e transoceânico. Havia rotas de comércio ligando a Roma antiga à Índia cerca de dois mil anos atrás, assim como entre a Índia e a China. A pilhagem, por Alexandre da Macedônia, da Ásia Central há 2.300 anos é inegável diante das estátuas de Buda com estilo grego no Museu Britânico. A novidade hoje é o contato em massa e o contato entre as massas; a viagem, a comunicação em massa e das massas. A transmissão televisiva mundial via satélite surgiu, em larga escala, nos anos 1980. A internet se tornou pública em 1991. As ferramentas internacionais de bate-papo e os clubes para troca de imagens emergiram na década de 2000 e logo abocanharam dezenas – que nada! – centenas de milhões de membros no mundo todo. Hoje, a internet e os satélites alcançam quase todos os cantos do planeta, enquanto lá pela metade da minha carreira (nos anos 1980) mal dava para me corresponder com colegas italianos por conta do estado deplorável em que os correios daquele país se encontravam.

Com o fim da Guerra Fria, a “globalização” se tornou o mais comum dos conceitos sociais, com seu uso atingindo o ápice nos anos 1990. O termo refletia o espírito da época de maneira plural, já que englobava vibrações tanto positivas quanto negativas. De um jeito ou de outro, o conceito se referia principalmente à extensão global de tudo que havia, sobretudo capital e mercados, mas também culturas. Transformações sociais ultrapassaram as barreiras estruturais e culturais de conteúdo, passando a ser apenas – e de forma arrebatadora – espaciais. De qualquer modo, sejam quais forem os enteveros críticos que se possa ter com o discurso da globalização, ele estava certo ao chamar a atenção para o novo estado de interdependência da humanidade através do fluxo de capital, de cadeias de produção, da penetração estrangeira em mercados domésticos, da acentuação de fluxos migratórios, bem como da intensificação da interação e do intercâmbio cultural.

O tema do meio ambiente ganhou notoriedade pela primeira vez em 1972, com a publicação de *Limits of Growth* (Limites do crescimento), obra de um grupo pequeno e bastante aristocrático chamado Clube de Roma. O livro teve grande repercussão por conta da crise do petróleo de 1973 e 1974. A Organização das Nações Unidas não hesitou em adotar a causa do meio ambiente, promovendo conferências em Estocolmo, em 1972, e no Rio de Janeiro, em 1992, e procurando estabelecer uma legislação global para o tema através do Protocolo de Kyoto, de 1997. Por causa da recusa por parte dos EUA em participar, o Protocolo de Kyoto acabou não gerando ações concretas. A despeito disso, a década de 2000 viu crescer a nossa consciência acerca do desafio global que o tema do meio ambiente representa, sobretudo como resultado de mudanças climáticas causadas pelo homem. Mais uma vez, os esforços da ONU fracassaram em termos de ações concretas, dessa vez em Copenhague, em 2009. De todo modo, nessa altura já havia uma espécie de consenso universal quanto à existência de uma humanidade comum diante de um problema ambiental global.

Essa condição é inédita na história da humanidade – ou seja, a consciência global de uma humanidade comum, eletronicamente interconectada, alvo dos mesmos satélites de comunicação, inserida em uma economia mundial, em um único meio ambiente global. Dentre as elites intelectuais, visões de uma única comunidade global não são um fenômeno recente. Só na tradição euro-

peia, há, por exemplo, a “perspectiva do cidadão do mundo” (*weltbürgerliche Sicht*) de Immanuel Kant e do Iluminismo, e, até mesmo antes disso, já havia o universalismo medieval de Dante, bem como a defesa de Bartolomé de Las Casas, no século XVI, de uma humanidade ameríndia (ver Bartelson, 2009). Não passaram, no entanto, de visões intelectuais, e à esperança de Kant na tal “paz mundial” seguiu-se a carnificina das Guerras Napoleônicas, a última parte da guerra mundial franco-britânica.

A fascinação pelo outro é parte essencial da história da humanidade, trazendo consigo conquistas e exploração. Nós todos temos muito que agradecer pela bravura não só física, mas também intelectual, dos grandes geógrafos e cartógrafos, desde Estrabão até Mercator e tantos outros, e dos grandes viajantes e exploradores, como Ibn Batuta, Marco Polo, Zheng He, Fernão de Magalhães, James Cook, Alexander von Humboldt etc. Somos todos também herdeiros do legado bastante controverso dos grandes conquistadores, entre eles Alexandre e Gengis Khan, além de Hernán Cortez e seus seguidores.

O desafio que se impõe agora é compreender e saber como agir nesse novo mundo compartilhado. O primeiro passo talvez seja reconhecer que compartilhar o mundo não implica necessariamente igualdade ou uniformidade; pelo contrário. Qualquer tentativa válida no sentido de compreender a humanidade atual tem de estar preparada para enfrentar diversidade e desigualdade – tão intensas como na sociedade feudal, na lavoura, no sistema indiano de castas e, também, na atual “cidade global”. Esse primeiro passo constitui, porém, nada mais do que uma precaução contra uma visão limitada das noções de diversidade e desigualdade. O grosso do trabalho vem depois.

Para começar a entender a humanidade e seu mundo e para poder agir, é preciso, em primeiro lugar, descobrir o seguinte. Por que somos quem somos? De onde vêm nossas características, nosso conhecimento e nossa ignorância? Para responder a essas perguntas, é necessário recorrer a uma *geologia sociocultural* de todas as camadas da nossa história, investigando as marcas permanentes deixadas pelas civilizações antigas, as múltiplas ondas de globalização e os diversos caminhos que levaram à modernidade. Nossas visões de mundo, nossas crenças fundamentais, preferências estéticas, línguas, nossas formas e estilos de interação social, nossa política e nosso gosto por esporte podem todos ser justificados por meio de nossa formação histórica.

A segunda pergunta que se coloca é a seguinte: por que nós agimos e por que os outros agem da maneira como agem? A humanidade possui cinco impulsos irreduzíveis que, por sua vez, constituem a *dinâmica mundial*. E embora esses cinco impulsos não descrevam a natureza humana de forma exaustiva, eles certamente impõem nosso universo social. Aonde eles nos levarão, nem Deus, nem os intelectuais sabem dizer. Mas podemos ao menos entendê-los e usá-los ao nosso favor.

Em terceiro lugar, temos o *palco mundial* da geopolítica e da geoeconomia – sem esquecer a mídia. É claro que celebridades e ídolos internacionais também fazem parte da nossa humanidade atual, mas aqui será dado destaque ao pequeno grupo de grandes personalidades de impacto internacional no plano do poder.

Na sequência vêm as *trajetórias da vida humana*, que se referem ao nosso tempo limitado na terra. Nós todos levamos vidas de quase sete bilhões de formas diferentes, mas todos estamos sujeitos a estágios já pré-programados, ora mais curtos, ora mais longos, com suas diferentes fases, desafios típicos e ritos de passagem, desde o nascimento e a infância até a terceira idade e a morte. Esses estágios da vida, bem como as probabilidades a eles associadas em diferentes partes do planeta e nos mais diversos ambientes socioculturais, podem ser compreendidos e analisados. As possíveis trajetórias atuais de vida estão dispostas conforme a história geológica da humanidade, por vezes impedidas, por vezes bloqueadas, pela dinâmica proporcionada pelo palco mundial mencionado anteriormente.

A pergunta final é por que chegamos aonde chegamos e, ao respondê-la, podemos arriscar uma segunda pergunta, desta vez irrespondível: aonde vamos?